

RACISMO SEM RACISTAS: ENTENDENDO O RACISMO ESTRUTURAL

Isabelle Lopes Bitarães Ribeiro¹; Melissa Drumond Ferreira²; José Costa Júnior³.

1 Isabelle Lopes Bitarães Ribeiro, IFMG, Administração, IFMG Campus Avançado Ponte Nova, Ponte Nova - MG; isabellelopesbit2002@gmail.com

2 Melissa Drumond Ferreira, Administração, IFMG Campus Avançado Ponte Nova, Ponte Nova - MG; melissadrmond1@yahoo.com.br

3 José Costa Júnior: Pesquisador do IFMG Campus Avançado Ponte Nova, jose.junior@ifmg.com.br

RESUMO

A concepção de racismo estrutural busca entender os modos de organização da sociedade, oferecendo uma análise mais integrada dos diversos elementos envolvidos no fenômeno do racismo. Esse tipo de racismo se aprofunda em nossas subjetividades, na medida em que o naturalizamos e acreditamos “que sempre foi assim” e “que não se pode fazer nada”. Também tenta entender e limitar os efeitos segregadores de nossa organização, nossas instituições e estruturas sociais, a ponto de parecer uma “ordem natural da realidade”. O projeto de ensino “*Racismo sem racistas: entendendo o racismo estrutural*” visa estudar, analisar e discutir como a sociedade brasileira se desenvolveu a partir de práticas racistas e segregadoras, mantendo-se assim até hoje, deslocando negros e pobres para as margens de seus sistemas sociais, políticos e econômicos, conforme atestas os principais indicadores sociais atuais. O objetivo geral do projeto é abordar investigações das ciências sociais acerca das dinâmicas sociais, históricas e políticas ligadas ao racismo, com o objetivo de limitar os seus efeitos na sociedade contemporânea. Para além da pesquisa teórica, a finalidade é compilar e organizar dados que possam ajudar a compreender a persistência de elementos racistas no cotidiano brasileiro. O presente projeto é, em sua maior parte, uma pesquisa bibliográfica e pode ser dividido em três fases de ação. A primeira delas consiste no estudo aprofundado do tema, através da leitura de materiais, como livros, reportagens, artigos científicos, resenhas e dissertações, e análises de filmes, entrevistas, dados estatísticos e documentários. A segunda fase de ação é a participação e a realização de eventos. A cada mês são feitas no mínimo duas atividades, sobre um recorte temático de racismo, com a participação dos discentes e docentes do IFMG Campus Avançado Ponte Nova, e às vezes a presença dos pais dos alunos e dos integrantes e coordenadores do Parlamento Jovem. Por fim, a terceira e última fase é a confecção de um artigo científico, pelos autores do projeto, sobre o projeto de ensino em questão, a fim de mostrar o meio e os resultados obtidos com o desenvolvimento do projeto e para que, possivelmente, outras escolas fiquem incentivadas e possam implementá-lo em suas instituições, visando que mais jovens e adultos se conscientizem sobre a permanência e a presença constante do racismo nas relações sociais e tentem mudar tal cenário. Logo, é possível perceber que o presente projeto de ensino ampliará o contato com hipóteses já estudadas ao longo do Ensino Médio Integrado, e o conhecimento de questões que se aproximam e dialogam com tais questões. Além disso, irá contribuir para a estruturação de um diálogo transdisciplinar constante na organização das atividades didáticas da disciplina de sociologia e levantará informações científicas relevantes sobre nossa sociedade, seus conflitos e tensões, suas causas e consequências, contribuindo para a ampliação da compreensão de uma questão que ainda nos aflige.

INTRODUÇÃO:

O livro “*O que é o racismo estrutural?*” escrito pelo advogado e filósofo do direito Silvio Almeida, faz parte da coleção “Feminismos Plurais”, coordenada pela também filósofa Djamilia Ribeiro e aborda a temática do racismo presente na sociedade brasileira. Entretanto, em uma vertente pouco discutida Silvio Almeida analisa o racismo do ponto de vista estrutural, ou seja, investigando que nossa sociedade foi historicamente e politicamente estruturada de forma a deixar negros e seus descendentes e outras minorias à margem do sistema socioeconômico. De modo geral, Almeida procura mostrar que as expressões do racismo no cotidiano, nas relações interpessoais e na dinâmica das instituições são manifestações de algo mais profundo, “que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade” (2018, p. 16).

Almeida distingue três concepções de racismo relacionadas entre si: (i) a concepção individualista, onde os indivíduos mantêm restrições e discriminações raciais – e que hoje é amplamente considerado um erro moral e crime; (ii) a concepção institucional, onde o racismo se manifesta como resultado do funcionamento das instituições, “que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente,

desvantagens e privilégios a partir da raça”. (2018, p. 29); (iii) a concepção estrutural, na qual o racismo decorre da própria estrutura social, do modo como se constituem as relações sociais, políticas e econômicas. Nessa última concepção, o racismo deixa de ser uma patologia social ou um desarranjo institucional, mas sim um componente histórico e político que possibilita a discriminação racial sistemática de indivíduos na atualidade. Trata-se de um processo histórico, pois o racismo esteve presente na formação da sociedade brasileira, sustentando processos econômicos e organização social através de um período terrivelmente longo de escravidão e segue até hoje. E trata-se de um processo político, pois influencia a organização da sociedade e a distribuição do poder de forma desigual.

Desse modo, a concepção de racismo estrutural busca compreender os modos de organização da sociedade, oferecendo uma análise mais integrada dos diversos elementos envolvidos no fenômeno do racismo. Esse tipo de racismo se aprofunda em nossas subjetividades, na medida em que o naturalizamos e acreditamos “que sempre foi assim” e “que não se pode fazer nada”. Também penetra fundo em nossas instituições e estruturas sociais, a ponto de parecer uma “ordem natural da realidade”. Nesse sentido, a historiadora e antropóloga brasileira, Lilia Schwarcz, acredita que a origem desse racismo na sociedade brasileira remota a escravidão.

“Que de tão enraizado no Brasil foi muito mais que um sistema econômico; ela se transformou numa linguagem, com imensas consequências: ela moldou condutas, definiu desigualdades sociais, fez de raça e cor marcadoras de diferenças fundamentais, ordenou etiquetas de mando e obediência e criou uma sociedade condicionada pelo paternalismo e por uma hierarquia estrita.” (SCHWARCZ, 2001: 52)

Diante dessas perspectivas, é possível perceber que o racismo não é apenas o resultado de atos voluntários, que se limitam ao plano individual. E sim, um processo no qual, até mesmo de maneira inconsciente, as pessoas reproduzem pensamentos discriminatórios. Prova disso, é afirmação realizada por Silvio Almeida de que quando a pessoa acusada de racismo diz que foi um mal entendido, ela está correta, porque de fato, o racismo só pode acontecer numa sucessão de mal entendidos. Ele se manifesta nos espaços vazios, no mal entendido, naquilo que não é dito e é exatamente pelo fato de não ser dito e ser possível o mal entendido é que o racismo consegue se naturalizar. Porque senão, bastaria uma reforma da consciência, educação, ler livros e, em algumas gerações, as pessoas deixariam de ser racistas. Mas isso não acontece, exatamente porque ele está presente no espaço do não dito e do mal entendido.

Logo, segundo Lilia Schwarcz, a persistência de um racismo estrutural não reside apenas nas expressões e brincadeiras pretensamente desimportantes, as quais, na verdade, humilham e agridem aqueles que sofrem cotidianamente com elas. Ela se encontra nos nossos registros e batidas policiais, na coloração das nossas penitenciárias, nos números desiguais da educação, nos dados da saúde pública, na violência praticada contra crianças afro-brasileiras, nos óbitos e numa série de dados escancarados em nossos censos e que revela como herdamos um passado pesado, mas estamos dando um jeito de reconstruí-lo, no presente.

Diante dos fatos expostos, o projeto de ensino “*Racismo sem racistas: entendendo o racismo estrutural*” visa estudar, analisar e discutir como a sociedade brasileira se desenvolveu a partir de práticas racistas e segregadoras, mantendo-se assim até hoje, deslocando negros e pobres para as margens de seus sistemas sociais, políticos e econômicos, conforme atestas os principais indicadores sociais atuais. Não havia como ser diferente com uma história e sociedade como as nossas. No entanto, as concepções tradicionais de racismo mostram-se limitadas para compreendermos como essa situação se mantém, mesmo que hoje busquemos meios e ações para limitar os efeitos do preconceito racial.

Portanto, o objetivo geral do projeto é abordar investigações das ciências sociais acerca das dinâmicas sociais, históricas e políticas ligadas ao racismo, com o objetivo de limitar os seus efeitos na sociedade contemporânea. Para além da pesquisa teórica, a finalidade é compilar e organizar dados que possam ajudar a compreender a persistência de elementos racistas no cotidiano brasileiro.

Tendo em vista que os censos demográficos evidenciam inúmeras desigualdades sócias, econômicas e políticas que mostram a segregação regional, no mercado de trabalho, em processos judiciais, na educação, na mortalidade infantil, na saúde e na participação política, faz-se necessário a existência de projetos que analisem essas condições sociais para que assim seja possível a confecção de soluções para sanar os problemas sociais existentes que assombram a realidade brasileira.

METODOLOGIA:

O presente projeto é, em sua maior parte, uma pesquisa bibliográfica e pode ser dividido em três fases de ação. A primeira delas consiste no estudo aprofundado do tema, através da leitura de materiais, como livros, reportagens, artigos científicos, resenhas e dissertações, e análises de filmes, entrevistas, dados estatísticos e documentários. Alguns dos livros estudados são: “*O que é o racismo estrutural*” de Silvio Almeida, “*Racismo no Brasil*”, “*O espetáculo das raças*”, “*Sobre o autoritarismo brasileiro*” de Lilia Schwarcz, “*A elite do atraso*” de Jessé Souza, “*A invenção dos Direitos Humanos: uma história*” de Lynn Hurt, “*O elogio do vira-lata e outros ensaios*” de Eduardo Giannetti e “*Racismos: Das Cruzadas ao século XX*” de Francisco Bethencourt. Após a leitura de cada livro as autoras do projeto fazem uma resenha e um resumo, quando o objeto de estudo é um artigo. Outras fontes de pesquisas são as reportagens veiculadas no jornal Nexa, textos publicados pelo orientador José Costa, entrevistas disponíveis no You Tube, artigos científicos publicados em revistas ou disponíveis no Google Acadêmico. Além disso, é realizado um relatório mensal sobre o andamento do projeto e são feitas reuniões semanais com o orientador para a discussão do plano de ação ou debates e estudos sobre a temática.

A segunda fase de ação é a participação e a realização de eventos. A cada mês são feitas no mínimo duas atividades, sobre um recorte temático de racismo, com a participação dos discentes e docentes do IFMG Campus Avançado Ponte Nova, e às vezes a presença dos pais dos alunos e dos integrantes e coordenadores do Parlamento Jovem. Os resultados de tais eventos são inseridos nos relatórios mensais. As atividades propostas na maioria das vezes são de cunho dinâmico, que propiciam a participação ativa do público, a fim de que além de expor o tema em formato de palestras, realizadas pelos autores do projeto, também seja possível uma discussão produtiva e democrática acerca do assunto em questão. Dessa forma, os eventos propostos são: palestras, rodas de conversa, leituras públicas, exibição e discussão de filmes e documentários, dinâmicas, debates e oficinas. Tais eventos são divulgados no facebook do IFMG Campus Avançado Ponte Nova e através de cartazes expostos na própria instituição. E para sua efetiva realização são necessárias ferramentas como: internet, projetor e livros.

Por fim, a terceira e última fase é a confecção de um artigo científico, pelas autoras do projeto, sobre o projeto de ensino em questão, para que assim outras escolas fiquem incentivadas e possam implementá-lo em suas instituições, a fim de que mais jovens e adultos se conscientizem sobre a permanência e a presença constante do racismo nas relações sociais e tentem mudar esse cenário.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

O primeiro evento realizado foi uma abertura de projetos, em que além do “*Racismo sem Racistas: entendendo o racismo estrutural*”, outros projetos desenvolvidos no IFMG Campus Avançado Ponte Nova apresentaram para a comunidade, no auditório do próprio campus, os seus respectivos trabalhos. Nesse contexto, o projeto em questão exibiu o documentário *Hiato*, lançado em 2008 e dirigido por Vladimir Seixas, dissertou acerca do racismo estrutural, apresentou dados estatísticos sobre a temática e abriu o momento para a participação ativa dos ouvintes, promovendo dessa forma um debate bastante produtivo.

O segundo evento foi à participação em uma exposição de projetos na Praça de Palmeiras, na cidade de Ponte Nova, em que estavam presentes os servidores, docentes e discentes do IFMG além de alunos de outras escolas e moradores da cidade. Nesse momento, cada projeto do IFMG Campus Avançado Ponte Nova levaram banners ou cartazes sobre seus projetos e os apresentaram para a comunidade a fim de mostrar as pesquisas de qualidade que são desenvolvidas no campus. Esse evento propiciou que muitas pessoas conhecessem a temática do racismo do ponto de vista estrutural e se interessassem pelo tema, além de ter possibilitado uma ampla divulgação do projeto, a partir da qual foi possível que outras escolas convidassem os autores do “*Racismo sem racistas: entendendo o racismo estrutural*” para darem palestras ou promoverem oficinas em suas instituições de ensino.

O terceiro evento foi uma palestra ministrada pelas autoras do projeto para os pais dos discentes do IFMG Campus Avançado Ponte Nova, no dia da reunião de pais. Nesse momento, foi apresentado o documentário *Hiato*, conceitos do racismo estrutural e dados estáticos para sustentar as afirmações realizadas. Além de uma análise do contexto, causas e consequências da problemática apresentada no documentário.

Outro evento foi a palestras e discussão pública na Câmara Municipal de Ponte Nova que contou com a participação dos alunos do Parlamento Jovem. O evento consistiu em uma apresentação das autoras do projeto juntamente com o orientador analisando e discutindo trechos, conflituosos e pertencentes a temática racista, do filme ganhador do prêmio *British Independent Film Award* - Melhor filme estrangeiro independente, *Cidade de Deus*, lançado em 2002 e dirigido por Fernando Meirelles, Kátia Lund.

Logo, é possível perceber que o presente projeto de ensino ampliará o contato com hipóteses já estudadas ao longo do Ensino Médio Integrado, e o conhecimento de questões que se aproximam e dialogam com tais questões. Além disso, irá contribuir para a estruturação de um diálogo transdisciplinar constante na organização das atividades didáticas da disciplina de sociologia e levantará informações científicas relevantes sobre nossa sociedade, seus conflitos e tensões, suas causas e consequências, contribuindo para a ampliação da compreensão de uma questão que ainda nos aflige.

CONCLUSÕES:

O racismo continua presente na sociedade contemporânea, mas de maneira cada vez mais complexa e implícita. Entretanto, é importante resaltar que ninguém nega a existência do racismo, mas ele é sempre uma atitude do outro. É um racismo sem cara, que se esconde por trás de uma suposta garantia das leis. E falar em racismo estrutural não significa, de maneira nenhuma, retirar a responsabilidade individual que as pessoas têm em uma sociedade racista. Muito pelo contrario: sabendo que o racismo é estrutural e que, portanto, se manifesta pelos não ditos, pelos mal entendidos e até mesmo de maneira inconsciente, é fundamental estar atento a todo o momento para não se deixar levar pelas tendências que constituem a sociedade, o que é algo muito difícil.

Tendo em vista essa realidade, o projeto *“Racismo sem racistas: entendendo o racismo estrutural”*, ainda possui bastante atividades e eventos para participar e promover. Como por exemplo, palestras em algumas escolas de Ponte Nova, participação na Semana Nacional de Ciências e Tecnologia no IFMG Campus Avançado Ponte Nova, apresentação de trabalho no Simpósio de Integração Acadêmica promovido pela Universidade Federal de Viçosa, além de promover palestras, dinâmicas, debates, rodas de conversa, leituras públicas e exibição e discussão de filmes e documentários. E prevê o encerramento de suas atividades em dezembro de 2019.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Silvio. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BONILLA-SILVA, Eduardo. *Racism without racists: Color-blind racism and the persistence of racial inequality in America*. Nova York: Rowman & Littlefield, 2017.

GIANNETTI, Eduardo. “O paradoxo do brasileiro”. In: *O elogio do vira-lata e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; SANTOS GOMES, Flávio (Ed.). *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Participação em Congressos, publicações e/ou pedidos de proteção intelectual:

O Projeto de Ensino *“Racismo sem racistas: entendendo o racismo estrutural”* apresenta as seguintes realizações:

- Participação no evento Roda de Conversa: exibição do documentário “Hiato” no IFMG Campus Avançado Ponte Nova, no dia 22 de maio de 2019.
- Palestra para os pais dos discentes do IFMG Campus Avançado Ponte Nova, no dia 25 de maio de 2019.
- Participação na Mostra de projetos do IFMG Campus Avançado Ponte Nova, na Praça de Palmeiras no dia 30 de maio de 2019.
- Publicação da resenha *“A maior invenção da humanidade”* escrita por uma das autoras do projeto, Isabelle Bitarães, sobre o livro *“A invenção dos Direitos Humanos: uma história”* de Lynn Hurt no blog

Desnaturando. Acesso em: <http://desnaturando.blogspot.com/2019/04/a-maior-invencao-da-humanidade.html>.

• Publicação da poesia “Minha pele”, escrita por uma das autoras do projeto, Isabelle Bitarães, sobre o racismo, na página online de um dos projetos do IFMG Campus Avançado Ponte Nova intitulado “O Mural”. Acesso em: <http://www.projetomural.com.br/2019/06/minha-pele-de-isabelle-bitaraes-do.html?m=1>.